

Tradição muito antiga atribui os Evangelhos a algum dos Doze ou a discípulos deles. Existem outros “Evangelhos” (de Tomé, de Pedro, etc.) também atribuídos a algum dos Doze e que não foram aceitos na Bíblia. A sabedoria dos nossos irmãos na fé lá dos primeiros séculos é que adotou esses 4. O fato de fazerem parte da Bíblia, porém, não garante que o Apóstolo ou discípulo dos Apóstolos que lhes dá nome seja mesmo seu autor.

Mais importante do que identificar o autor é entender como vivia a comunidade onde cada Evangelho foi escrito.

Marcos

A comunidade que nos deu o Evangelho segundo Marcos parece ter vivido na Galiléia, a terra de Jesus, região vista pelo pessoal de Jerusalém e da Judéia, como lugar de gente atrasada, pobre e revoltada e ainda misturada com vizinhos gentios, povo impuro, que não conhece nem cumpre a Lei de Deus.

Muitos sitiados da Galiléia haviam perdido tudo o que possuíam por causa dos impostos e dos juros altos cobrados pelos poucos judeus ricos que moravam em Jerusalém e faziam parte do Sinédrio. Tudo perdido, partiam para o cangaço.

Formaram-se, assim, grupos de assaltantes, que se escondiam nas grutas e cavernas da Galiléia, assaltavam as caravanas romanas que passavam, e distribuíam nas aldeias pobres e famintas os alimentos arrecadados. Eles eram chamados de *lestês*, palavra grega em geral traduzida por “bandido”. Jesus, segundo Marcos, foi crucificado entre dois deles, portanto, como mais um “bandido”.

Esses cangaceiros ou “bandidos” da Galiléia estavam aumentando cada vez mais e cada vez mais ameaçavam liderar uma revolta contra a exploração dos ricos e a dominação romana. No ano 66 (a morte de Jesus aconteceu no ano 30) eles se uniram, foram para Jerusalém, tomaram a cidade, mataram os sumos sacerdotes e os outros membros do Sinédrio a quem deviam e que lhes haviam tomado as terras e queimaram os documentos da hipoteca de suas terras, que lá estavam.

Seus líderes davam a si mesmos o título de “Cristo”, Ungido ou Messias, e de “Filho de Davi”. Queriam encarnar a esperança do povo de ficar livre, tendo um novo Rei Ungido, um Messias, descendente de Davi.

A esperança e também o fanatismo eram grandes, especialmente na Galiléia, de onde saíram os “bandidos” que agora controlavam a cidade de Jerusalém. Mas seus diversos líderes também brigavam entre si. Essa “brincadeira” de tomar o poder de Roma fez com que, quatro anos depois, no ano 70, a cidade de Jerusalém e o seu Templo, centro da religião e da nação judaica, fossem destruídos.

A comunidade que nos deu esse Evangelho viveu no meio dessa fogueira toda, entre o ano 66 e o ano 70, entre a tomada do poder e a destruição de Jerusalém. A dúvida era: a comunidade cristã devia participar da revolução para ser solidária com o seu povo? Ou estavam todos endiabrados (e não é por isso que o Evangelho segundo Marcos fala tanto em possessos do demônio?) e os discípulos de Jesus deviam ficar de cabeça fria e pensar não no problema imediato da nação judaica, mas no problema mais profundo da humanidade toda, a ser resolvido a mais longo prazo?

O povo sofria muito, cheio de doenças, depressão, loucuras, tudo causado pela fome. Além de não conseguir pagar todas as taxas e impostos que Roma cobrava – e pobre de quem caía nas mãos de algum agiota! – a cada sete anos a Lei (Lv 23,11) proibia plantar, era o ano sabático. Plantando e colhendo, a miséria já era grande, porque, além da escassez de chuvas, Roma levava embora boa parte da produção. No ano sabático, então, a miséria era total.

A comunidade tinha fé em Jesus como Filho de Deus, não Filho de Davi. Filho de Deus vem como Deus quer, como companheiro do povo. Jesus ajuda o povo a se

organizar e não é um ungido “salvador da pátria”, que resolve tudo sozinho. Só ele poderia resolver a situação, sua chegada é a Boa Notícia (Evangelho) do Messias Jesus.

Os mestres de Jerusalém e o fanatismo dos revolucionários achavam que o povo judeu era tudo, que eles deveriam ser uma grande e poderosa nação, os outros não, os outros seriam os cachorrinhos deles. Para a comunidade dos atuais discípulos de Jesus, não! Jesus veio, não para resolver os problemas do momento do povo judeu, mas a fim de trazer a salvação para a humanidade inteira, para todos e para sempre. E não era preciso se preocupar com aquela “pureza” que o pessoal de Jerusalém exigia. Muitos não judeus entravam para a comunidade, pois também viam a esperança em Jesus.

O mais importante ao ver dessa comunidade é *mudar as cabeças (metanoia: meta- de metamorfose e -noia de paranoia)*, senão nada muda de verdade.

As lideranças do judaísmo não aceitaram Jesus, ao contrário, levaram-no à morte. Mesmo na terra de Jesus, no meio da sua família, muitos achavam que era loucura acreditar nele e esperar dele alguma coisa, agora que ele já estava morto. Não entravam para a comunidade.

Os que entravam, porém, se reuniam nas casas para crescer no conhecimento com Jesus. Na Galiléia, quando se reunia com os discípulos em casa, Jesus ia formando sua comunidade. Assim é ainda hoje, é nas casas que os discípulos crescem no conhecimento e no compromisso com a missão de Jesus.

Mas a tentação do poder atingiu também algumas lideranças das comunidades, os que ficaram no lugar dos doze apóstolos. Pensavam no poder político como era exercido pelos romanos e pelos chefes revolucionários ou queriam que a comunidade cristã fosse também organizada do mesmo jeito. Não entenderam nada. Outros parecem uma “torcida”, acham lindo Jesus ser capaz de enfrentar a morte, mas... ficam na platéia, batendo palmas. Poucos seguem Jesus de verdade.

Jesus salva, vencendo a arrogância com a humildade, vencendo a ganância com a doação de si mesmo, da própria vida. Ele realiza o que está nos poemas de Isaías (42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12) que falam de um Servo do Senhor que sofre porque é justo, mas fica firme, vai até o fim e, ao final, os que o faziam sofrer reconhecem que ele estava certo e eles, errados.

A FIGURA DE JESUS Quem é Jesus? é uma pergunta que percorre a primeira parte do Evangelho de Marcos (até o capítulo 8,27). Os possessos (fanáticos) dizem que ele é o Messias-rei, mas ele os manda calar a boca! Pedro (8,27) confessa que ele é o Messias, Filho de Deus. Rei? De agora em diante a pergunta é: Que tipo de Messias é Jesus? Nada de general vitorioso, que toma o poder, organiza novo governo e distribui cargos de primeiro escalão (10, 35-37). A “glória” para Jesus não é o poder, é servir, é dar a vida pelos outros! Jesus é o Servo Sofredor, figura de um inocente, justo, que sofre como um condenado, até que os opressores reconheçam sua injustiça, e quanto o pobre sofredor e oprimido era justo. Essa figura se encontra em 4 poemas do livro de Isaías (42 a 53). Quando Jesus acaba de morrer, o Centurião romano, um gentio, reconhece Jesus como Messias, o Filho de Deus (15,39).

- *Descobrir passagens do início até o cap. 8,27 onde Jesus proíbe que digam que ele é o Messias.*

- *Depois de 8,30 descobrir passagens onde Jesus diz que é um Messias sofredor.*

DIANTE DO MUNDO: Não é a tomada do poder que vai resolver a situação da humanidade. A mudança para o mundo virá da mudança de mentalidade (*metanoia*): Em vez de cobiça, competição, poder etc., colocar-se a serviço, dar a vida, sacrificar-se pelos outros. Isso é que é capaz de mudar o mundo. E a Igreja, a comunidade dos discípulos de Jesus, está a serviço não de si mesma, mas do mundo. Deve, com Jesus, aceitar ser condenada pelo mundo para salvar o mundo.

- *Encontrar em Mc 6,30-44 a sensibilidade pelos problemas da humanidade, quais são esses problemas, como fazer para ajudar a humanidade a resolvê-los.*